

A LÍTERATURA COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO HUMANA:

uma discussão dialógica sobre os conceitos de silêncio, memória e identidade

*Sandressa dos Santos Silva
Yvonélio Nery Ferreira*

Resumo

Memória e identidade podem ser consideradas elementos indissociáveis e, quando observados por meio da literatura, propiciam a possibilidade de entendimento do homem enquanto ser tanto individual quanto coletivo. A interação com o outro estabelece nossa identidade pessoal e social e, nesse contexto, a linguagem exerce representativa influência na construção dos sujeitos. Neste artigo, será realizada uma discussão dialógica sobre os conceitos de silêncio, memória e identidade, com o objetivo de estabelecer relações reflexivas sobre a compreensão da condição humana com base em sua manifestação na linguagem literária.

Palavras-chave: literatura; linguagem; silêncio; identidade; memória.

LA LÍTERATURA COMO INSTRUMENTO DE COMPRESIÓN HUMANA:

una discusión dialógica sobre los conceptos de silencio, memoria e identidad

Resumen

La memoria y la identidad pueden ser consideradas elementos inseparables y, cuando se observan a través de la literatura, brindan la posibilidad de entender al hombre como individuo y colectivo. La interacción con el otro establece nuestra identidad personal y social y, en este contexto, el lenguaje ejerce una influencia representativa en la construcción de los sujetos. En este artículo se realizará una discusión dialógica sobre los conceptos de silencio, memoria e identidad, con el objetivo de establecer relaciones reflexivas sobre la comprensión de la condición humana a partir de su manifestación en el lenguaje literario.

Palabras-clave: literatura; lenguaje; silencio; identidad; memoria.

THE LITERATURE AS INSTRUMENT OF HUMAN UNDERSTANDING:

a dialogical discussion on the concepts of silence, memory and identity

Abstract:

Memory and identity can be considered inseparable elements and, when observed through literature, propitiates the possibilities of the understanding of humans while, such as individual as collective, beings. The interaction with the other sets our personal and social identity and, in this context, the language exerts a representative influence at the construction of the subjects. In this article, will be realized a dialogical discussion about the concepts of the silence, memory and identity with the purpose of establish reflexive relations about the comprehension of the human condition by having as base your manifestation in literary language.

Keywords: literature; language; silence; identity; memory.

INTRODUÇÃO

A complexidade humana, em todas as suas vertentes, é objeto de estudo de inúmeras áreas do conhecimento. Para se compreender o homem como ser individual e social, é necessário que se estabeleçam profundas reflexões a esse respeito. Alguns dos conceitos que contribuem para esta almejada compreensão são os elementos memória e identidade que, por sua vez, se tornam fundamentais para qualquer um que se sinta despertado a investigar no campo das Ciências Humanas e Sociais. Desde uma mudança decorrente da crise dos paradigmas que determinavam o que era ciência, com uma quebra de padrões que anteriormente excluía e desconsideravam as humanidades, foi possível perceber que uma de suas ramificações, a literatura, ganhou força e esquivou-se da conceituação exclusiva de produção que visava o puro e mero entretenimento, constituído de ficção e estética bem apurada. Não que a literatura não sirva mais como aparelho de recriação e despertar do imaginário humano, contudo, muito além disso, a sua linguagem constitui-se em instrumento do despertar da consciência para questões mais densas e que permeiam o mar de dúvidas que existem desde que o homem adquiriu a sapiência, racionalidade e capacidade de pensar antes de agir.

A espécie humana utilizou da linguagem e a aperfeiçoou no decorrer do seu processo de evolução, permitindo a perpetuação das ideias dos indivíduos através da comunicação, por meio de manifestações orais ou escritas. Para Heidegger (2003), a linguagem é um elemento muito característico da nossa humanidade e, por meio dela, compreende-se a verdade do ser. O filósofo, ainda afirma que:

Falamos e falamos sobre a linguagem. Aquilo de que falamos, a linguagem, já sempre nos precede. Falamos sempre a partir da linguagem. Isso significa que somos sempre ultrapassados pelo que já nos deve ter envolvido e tomado para falarmos a seu respeito. Ou seja, falando sobre a linguagem, estamos sempre constrictos a falar da linguagem de forma insuficiente (HEIDEGGER, 2003b, p.138).

É destacável, a partir desta perspectiva, que a linguagem faz parte da vida do homem, de modo natural, desde a sua origem, como uma imitação da natureza, de vozes e de gestos, provocando a interação com o outro. Ela surge das necessidades humanas, como a fome, sede frio, a dor, entre outras situações e sentimentos que estejam vinculados ao seu anseio pela comunicação. Sant'ana (2008, p. 3) reitera que:

O homem comum está envolto em completa des-significação, preso a uma teia que o reduz a nada, que o submete à ditadura do consumo exercida e veiculada diariamente pelos meios de comunicação de massa. A evolução e sobrevivência desse homem, no transcurso do processo de civilização, deveram-se à criação da linguagem.

Para Bakhtin, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 1992, p. 112). Nossa presença na sociedade é notada graças à relação entre o homem e o mundo, e a linguagem se converte no elo que estabelece este vínculo. Precisamos ouvir e ser ouvidos e isso apenas ocorre através da linguagem. Segundo Gadamer (2002, p. 182):

A linguagem é, pois, o centro do ser humano, quando considerado no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, o âmbito do entendimento, do consenso crescente tão indispensável à vida humana como o ar

que respiramos. Realmente o homem é o ser que possui linguagem segundo a afirmação de Aristóteles. Tudo que é humano deve poder ser dito entre nós.

Aristóteles acreditava que a linguagem tinha a capacidade de compreender todas as coisas. Tomando como ponto de partida este pensamento, observamos a capacidade de entendimento de si, do outro e do mundo a partir da linguagem e consideramos uma de suas manifestações escritas, a literatura, como caminho para a compreensão sobre a condição humana. Ao voltar-se para a busca de respostas sobre esta complexidade, não se pode direcionar o olhar para um ponto específico, sem embargo, é essencial que se amplie a visão para horizontes que ainda não foram examinados.

Nesse sentido, segundo Edgar Morin, (2003, p. 25):

Um tal pensamento torna-se, inevitavelmente, um pensamento do complexo, pois não basta inscrever todas as coisas ou acontecimentos em um “quadro” ou uma “perspectiva”. Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana.

Conforme posicionamento de Zilberman, (1990, p. 19):

[...] o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências [...] o texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias.

A literatura, então, acaba atuando como via de investigação, justamente por não ter uma função absoluta e pré-determinada. Diferentes mundos podem ser reconhecidos através dela, a partir da perspectiva inerente a cada leitor. Enquanto para alguns uma obra literária pode ser uma extensão dos sentimentos, para outros, uma profunda reflexão, quando envolve ingredientes sociais, políticos, entre outros. Através da literatura é possível acessar a memória e a identidade do homem, tanto individualmente, como dentro de um contexto, fazendo parte de um grupo social, porém, isso só se torna concreto quando não existe o silenciamento de vozes e ideias. E, dentro dessa perspectiva, de literatura como mecanismo propiciador de ciência, buscaremos associar os elementos silêncio, memória e identidade como meios esclarecedores de algumas dúvidas existentes sobre a condição humana, usando como viés a linguagem literária.

O SILÊNCIO NA LITERATURA

Quando o lugar de fala de uma pessoa é retirado, ou seja, quando há o desmerecimento das ideias e experiências de vida de um indivíduo ou de grupos, ocorre o silenciamento. O silêncio impossibilita a compreensão da realidade do outro, impede o conhecimento de como se sente diante de determinada situação e a forma como é inserido e tratado em algum contexto específico. Para que haja uma melhor compreensão da realidade, em busca de um auto entendimento, é preciso que se amplie o olhar para o diferente, que se

vislumbre a sociedade de modo globalizado, visto que quando omitimos a voz de outrem, o silenciando, estamos nos afastando das possibilidades de compreensão humana. Constantemente, se faz uma relação da ausência de fala com o silêncio. O silêncio, representado pela inexistência do código, (língua falada ou escrita), também emite uma mensagem e consegue ter um significado próprio.

Acerca do silêncio, Ferreira e Dias (2017, p. 342-343) destacam:

Deste modo, o silêncio não é a ausência de som e nem mesmo o campo é silencioso. A nascente de um rio, o vento, as folhas de uma árvore caindo, são ruídos, mas o que acontece é uma espécie de acepção do que é silencioso ou não. Para as pessoas, o silêncio se manifesta provocando uma sensação de calma e, por isso, associam o campo a um lugar silencioso.

Ao longo da história humana, por inúmeras vezes, vimos pessoas e grupos sendo silenciados, das mais diversas formas, desde a omissão de sua voz, assim como sua destruição, através de morte, por várias vezes precedida de tortura. Geralmente, o que promove este emudecimento de vozes, é justamente o ser e o pensar diferente. Tudo aquilo e todo aquele que caminha em uma direção contrária a uma ideia já convencionalizada é visto com olhar de rechaço e gera um sentimento de necessidade de eliminação, por parte de sujeitos opressores, como se não houvesse a possibilidade de lidar e conviver com características, ideais e posicionamentos dessemelhantes.

A partir dos escritos literários, notamos o silenciamento de mulheres, judeus, indígenas, negros, mestiços, nordestinos, latinos, homossexuais, entre vários outros grupos. Ou seja, as vozes emudecidas estão vinculadas a uma questão de gênero, passando por etnias, denominações religiosas, orientação sexual, atingindo, muitas vezes, até questões geográficas. Para Blanco e Bambirra, (2017, p. 144):

Observando os fatos históricos, aos quais temos acesso, é possível perceber que, na maioria das vezes, são construídos a partir da “visão de cima”, ou seja, dos que detêm o controle sobre as pessoas. Assim, a historiografia tenta apagar os oprimidos, os silenciados. Além do mais, boa parte dos fatos são narrados com base nas escritas de navegadores: homens e europeus. Estes começam a narrar a história a seu modo, impondo sua visão e classificando os sujeitos como civilizados e não-civilizados.

Com base em tal perspectiva, notamos que o silêncio também é evidenciado quando existe o esquecimento. Ao se olvidar do passado, deixamos de lado a memória, em sua esfera individual e coletiva. Sejam imagens, lugares ou discursos, esquecer do passado acaba interferindo substancialmente na própria compreensão do homem, no campo da sua identidade, de forma direta e podendo afetar o seu futuro. Como mencionado anteriormente, o emudecimento das vozes, acaba gerando uma reflexão de cunho social. Hoje, os leitores com uma base mais consistente de conhecimentos históricos, acabam percebendo mais facilmente a forma como se mostrava o silêncio na literatura, compreendendo as suas consequências para a sociedade contemporânea, em seu pensar e agir. É claramente perceptível que, em alguns textos literários, o nordestino era tido como homem ignorante e inferior, que a mulher tinha o único e exclusivo papel de genitora e dona de casa, que o negro era mera mão de obra, o indígena uma aberração da natureza, isso para exemplificar apenas alguns grupos e suas denotações.

A partir do momento em que é dada a voz à diferentes indivíduos em seus respectivos contextos e características particulares, a partir da literatura, se compreende um pouco sobre o que é o homem e quão grande é a sua complexidade, posto que não somos seres singulares,

e sim, como já dito, seres plurais no que tange à nossas ideologias, crenças, tradições, características físicas, entre outras possibilidades. É necessário destacar que o silenciamento dos sujeitos ocorre não somente de forma local, mas também global. Embora haja a ausência de palavras, o silêncio gera uma mensagem reflexiva e pode ser perturbador no inconsciente do leitor. Desta forma, torna-se nítido que a literatura tem o poder de reverberar de modo ímpar na mente dos sujeitos que se dispõem a apreciá-la, atuando como agente transformador e produtor de mudanças subjetivas. O silêncio amordaça, oprime, vela os ideais, as crenças, os costumes, as tradições, as vontades, sendo assim, a literatura pode e deve ser e instrumento revelador de tudo aquilo que se esconde através dos não ditos e que se perfazem nas angústias da vida humana.

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

É possível inferir que falar do ser humano é algo complexo, devido a subjetividade que este carrega, pois não há um determinismo físico, biológico ou racional que estabeleça o comportamento do homem. Nós passamos por uma série de ajustes, pois somos seres racionais, dotados de uma capacidade criativa, que nos possibilita enfrentar os problemas e superar as dificuldades. Esta dinâmica e habilidade de pensar e mudar os rumos da vida é fruto de experiências anteriores, sejam elas vividas por nós ou por nossos antepassados e a isto chamamos memória, conceituada por Pollack (1992, p. 201) da seguinte forma:

A memória seria formada: por acontecimentos vividos pessoalmente; vividos a partir da experiência do outro, através da projeção ou identificação com um passado, mesmo por pessoas que não o viveram; por ser constituída por personagens; e pelos lugares de memória, locais de realização dos atos de rememoração/comemoração.

Desta forma, memória é componente essencial para a constituição do homem como ser racional, pensante, reflexivo. A memória é nossa leitura presente de algo sucedido no passado e está passível a mudanças, porque nossas percepções mudam no decorrer do tempo. Percebe-se que o homem busca extensões da memória, partindo do (re)conhecimento de sua origem. No jogo da literatura, que pode ser ficcional ou não, os testemunhos e recordações, constituem a memória e esta, por muitas vezes pode ser o alicerce da construção de uma obra. Vejamos *O diário de Anne Frank*, escrito pela própria personagem título, cuja temática está focada na narrativa de momentos vivenciados por um grupo de judeus durante a ocupação nazista, no período da segunda Guerra Mundial, na década de 1940. Seus manuscritos, eternizados pela literatura são nada menos que o próprio testemunho de situações reais, vividas por ela e sua família, antes e depois do confinamento em um campo de concentração. As memórias de Anne, tornaram-se um grande sucesso, sendo o livro traduzido para mais de 70 idiomas, publicados em mais de 40 países e permanecendo nas listas anuais de obras mais lidas. Uma literatura não ficcional, que se constrói a partir da (re)memorização de acontecimentos e que funciona como aporte histórico e, porque não dizer, reflexivo na vida dos leitores, ultrapassando gerações.

Outro exemplo seria *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra prima da literatura brasileira, escrita por Machado de Assis. Neste romance, narrado em primeira pessoa, o defunto-autor escreve sua autobiografia, estabelecendo um diálogo com o leitor. Ele fala sobre seu funeral, passando pela causa da morte, experiências de uma infância repleta de travessuras e uma juventude permissiva. Aqui, vemos uma obra estritamente ficcional que se constrói a partir da memória, mesmo que de forma inovadora, de um defunto. Em ambos

os exemplos, a memória atua como base estrutural da constituição da escrita. Seja um relato testemunhal ou uma ficção, a memória se consolida através da literatura e pode promover uma reflexão nos sujeitos.

Memorizar não é simplesmente gravar fatos, recordar situações, mas sim difundir informações, transmiti-las e expandi-las, como um recurso identitário. As influências advindas da memória são o que subsidiam, também, a construção da identidade humana. O homem, é um resultado de um compilado de ideias, posicionamentos e atitudes. Rocha, (2018, p. 21) menciona que:

Identidade, como identificação do sujeito, não pode se limitar ao âmbito do eu personalístico, porque se assim fosse, se instalaria a guerra entre posições que se pretendem válidas. O eu psicológico é, no fim e ao cabo, apenas um que vaga entre outros eus, igualmente solitários. A cultura, do ponto de vista antropológico, compreende que o coletivo forma um certo jeito de experimentar e explicar o mundo e resulta das experiências vividas e dos sentidos compartilhados. Esse compartilhamento é perene, ou seja, realizar-se num *continuum* temporal, podendo, dessa maneira, ser constantemente revisto e ressignificado.

A identidade é a construção daquilo que nos tornamos e do que não nos tornamos. Seja na vivência familiar, numa conversa na rua, no ambiente da escola, no trabalho, as experiências adquiridas vão constituindo aquilo que somos. Quando observamos na literatura, por exemplo, textos que tratam sobre o início do processo de colonização do Brasil, que incluía o nativo, europeu e posteriormente o negro, verificam-se traços da identidade do povo brasileiro, que se formou a partir de uma clara miscigenação e se intensificou com a chegada de pessoas provenientes de outras nações. O choque ocorrido entre novas culturas com seus respectivos hábitos e tradições foi fator preponderante no processo de construção da identidade brasileira. Diferentemente de outras pátrias, o povo brasileiro é um dos, senão o maior exemplo de miscigenação. Sua constituição, oriunda da vinda de pessoas de todas as partes do mundo, promove a ideia de complexidade.

Cada sujeito traz aspectos naturais e intrínsecos ao seu contexto familiar, local e global, e quando este se depara com outro sujeito, com sua realidade, que lhe é particular, há naturalmente uma troca de experiências e ideias. Imaginemos isto ocorrendo entre centenas e milhares de pessoas dos mais longínquos e diferentes lugares. O resultado, não poderia ser menos do que um conglomerado de pluralidades.

A literatura contribui para nosso reconhecimento da formação de uma identidade individual e nacional. Em *Cem anos de solidão*, um dos grandes clássicos da literatura escrita em língua espanhola, Gabriel Garcia Márquez utiliza do gênero realismo mágico para elucidar aspectos relacionados à memória e à identidade latino-americana, baseado na história do clã dos *Buendía*, retratando, de forma bastante particular, a queda e ascensão desta família, num espaço temporal de cem anos. As memórias familiares se relacionam com a memória do povo latino-americano, mesclando o maravilhoso, característica inerente ao realismo mágico, com a realidade social vivenciada em meados do século XX, em meio a um turbilhão de acontecimentos, como a ditadura militar, possibilitando a assimilação de identidades individuais e sociais, a partir de uma obra de ficção.

Em *Otelo, o Mouro de Veneza*, William Shakespeare retrata a busca por uma identidade do sujeito dentro da literatura inglesa, em um contexto de traição, inveja e rivalidade. Otelo, que era um general de Veneza, acaba apaixonando-se por uma aristocrata branca, e torna-se vítima de uma armadilha, planejada por Iago, destruindo a vida de sua amada e a sua própria. Na obra, o protagonista tinha muitos opositores, que não aceitavam o fato de um negro e de origem bárbara ser tão bem recebido em Veneza.

Boquet, (1989, p. 51), relata como a sociedade europeia, especificamente na Inglaterra, relacionava-se como a figura do homem negro.

O público inglês não tinha vivido muito com a imagem da África legada pelos historiadores antigos e os compiladores medievais, tal como ela aparece nos relatos de Otelo para Desdêmona. Mas as trevas de um continente misterioso começavam a ser atravessados pelas narrativas dos viajantes e dos negreiros que tinham introduzido em Londres um número suficiente de negros.

Nesta peça, se observam aspectos que nos fazem refletir sobre a inserção de Otelo em uma sociedade branca e os preconceitos por ele sofridos, carregando em sua identidade uma não aceitação como indivíduo pertencente àquela comunidade, sendo estereotipado e rejeitado. O que se consegue absorver, com base em algumas obras grandiosas como estas escritas por Márquez e Shakespeare, é que em seus contextos, América Latina e Europa, respectivamente, mesmo em tempos distintos, os autores, através da literatura, retratam a identidade das sociedades as quais faziam parte, por meio da ficção, porém de modo real e provocador, acarretando o repensar de conceitos e posicionamentos ideológicos e atitudinais das épocas as quais os textos foram produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando as perspectivas apresentadas, percebemos que a linguagem faz parte não somente do processo de comunicação, mas também do processo de compreensão do homem. Uma das formas de se autoconhecer é por meio da literatura, seja ela expressa por meio de cartas, diários, poemas e livros. Os registros fotográficos, ou esculturas, pinturas, entre outras artes, também colaboram para nosso entendimento do passado, uma vez que possibilitam saber sobre a vida de nossos ancestrais e percepção de mundo em sua época.

O repensar e a compreensão da condição humana, ainda que em parte, requer um processo de mudança comportamental, sobretudo de modo a deixar-se aberto às múltiplas possibilidades de entendimento. A linguagem, atua como fator fundamental para que isto ocorra, uma vez que ela possui todos os sistemas complexos de comunicação que garantem que haja uma troca entre um sujeito e o outro. Não comunicar, não se permitir ouvir o próximo, a sua realidade, impossibilitando uma visão de mundo exterior, afeta potencialmente a compreensão da condição humana, afinal, não estamos sozinhos, sendo parte de um todo com infinitas particularidades.

A literatura, em seu caráter mais profundo, é uma das formas mais complexas e ricas de manifestação do pensamento humano, pois é através dela que criamos histórias, as narramos, as revelamos para um grupo de pessoas de uma maneira única, conseguindo ultrapassar os limites de tempo e espaço. Ela supera dimensões geográficas, a cronologia, os códigos, finalmente, chegando aos mais improváveis lugares. Assim sendo, quando a literatura demonstra o compromisso de romper os silêncios impostos por padrões pré-concebidos, atua como instrumento revelador da memória e da identidade humana, pois consente que o homem, revise o seu passado, não apenas de modo individualizado, mas também e principalmente, de maneira global, social. Conhecer o(s) outro(s), reconhecer sua história, seu trajeto até então percorrido, nos oferece a possibilidade de compreender, ainda que em meio a tamanha complexidade, a nossa condição humana.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M (V.N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.
- BOQUET, Guy. *Teatro e Sociedade: Shakespeare*. Ed. Perspectiva S.A. São Paulo, SP 1989.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BLANCO, Simone Vieira Nieto Blanco. BAMBIRRA, Vera de Magalhães. *A figura feminina no seringa: vozes silenciadas*. Revista Communitas V1, N1, (Jan-Jun) 2017
- FERREIRA, Yvonélio Nery. DIAS, José Ueslei Lima. *Percursos do silêncio no romance leite derramado, de Chico Buarque*. Revista Communitas V1, N1, (Jan-Jun) 2017
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: Complementos e índice*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- ROCHA, Cleidson de Jesus. *Discutindo identidades: o eu e o outro e a crise da racionalidade contemporânea*. Revista Anthesis: V. 6, N. 11, (jan. – jul.), 2018
- SANT'ANA, Joana Amélia. *A importância da literatura na formação do homem - Teatro e literatura dramatizada: uma perspectiva de leitura*. Curitiba, 2008.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). *Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto*. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Submetido em maio de 2021.

Aprovado em junho de 2021.

Informações do(a)s autor(a)(es):

Sandressa dos Santos Silva

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – Ppehl/UFAC. Professora do quadro efetivo da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Acre.

E-mail: sandressa0892@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1159-4962>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3809997052569040>

Yvonélio Nery Ferreira

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – FE/UFG

E-mail: yvonelioferreira@ufg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5907-4894>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2203758684173334>